



TEATRO  
CULTURA ARTISTICA



8380



**S O C I E D A D E**

**D E**

**C U L T U R A   A R T Í S T I C A**

Quinquagésima Temporada

Comemorativa de seu

50.º Aniversário

1 9 6 2

**SARAU 838.º**

(décimo-terceiro da temporada)

celebrando a

**DATA DO QUINQUAGÉSIMO  
ANIVERSÁRIO**

com

- i — Alucução alusiva do Presidente
- II — Homenagem a Dona ESTHER MESQUITA
- III — Recital da pianista MAGDA TAGLIAFERRO

**SOCIEDADE DE  
CULTURA ARTÍSTICA**

**TEMPORADA ARTÍSTICA DE 1962**

comemorativa do cinquentenário da S. C. A.

no Teatro Municipal

**PROGRAMAÇÃO (NOTA 1)**

A B R I L	24	—	Concerto Sinfônico (Orquestra Municipal) Solista: pianista Guiomar Novaes Regente: maestro Souza Lima
	30	—	Pianista Friedrich Gulda
M A I O	17	—	Celista Pierre Fournier
	29	—	Pianista Ana Stela Schic
J U N H O	11	—	Solistas de Zagreb Regente: maestro Antonio Janigro
	20	—	Pianista João Carlos Martins
J U L H O	4	—	Pianista Maria Clodes Jaguaribe Dhority
A G O S T O	10	—	Orchestra D'Archi di Milano Regente: maestro Miquelangelo Abbado
	31	—	Pianista Fou TS'Ong
S E T E M B R O	4	—	Concerto Sinfônico (Orquestra Municipal) Solista: Pianista Jocy de Oliveira Regente: Maestro Diogo Pacheco
	13	—	Violinista Carmela Saghy
	26	—	Pianista Magdalena Tagliaferro (Nota 2)
	27	—	Concerto Sinfônico (Orquestra Municipal) (Nota 3) Solista: Pianista Fritz Jank Regente: Maestro Armando Bellardi
O U T U B R O	10	—	Violinista Nathan Schwartzman
	24	—	.....
N O V E M B R O	8	—	Cantora Magdalena Lebeis
	16	—	Quarteto de cordas Municipal

NOTA 1 — Programação definitiva, salvo modificações circunstanciais, independentes da vontade da Diretoria.

NOTA 2 — Em festejo do dia do 50.º aniversário, no Grande Auditório do Teatro Cultura Artística

NOTA 3 — Concerto oferecido à Cidade de São Paulo, em regozijo da data do aniversário

# SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Séde atual: Rua Gravataí, 40 — Fone: 32-1787

## DIRETORIA

Presidente	—	DR. DACIO AGUIAR DE MORAES JUNIOR
Vice-presidente	—	DR. RUY MESQUITA
1.º Secretário	—	DR. VICTOR GERALDO SIMONSEN
2.º Secretário	—	ACACIO ARRUDA
Tesoureiro	—	J. J. JUVENAL RICCI AYRES



## INGRESSOS PARA OS SARAUS DA SCA

*SÓCIOS PATRONOS: Sòmente na séde social, NA VÉSPERA de cada sarau (ou na ante-véspera, se aquela cair em domingo ou feriado), das 12 às 20 horas (sendo sábado, das 9 às 12 horas), mediante apresentação da respectiva carteira.*

*OUTROS SÓCIOS: Sòmente na bilheteria do teatro, NO DIA DE CADA SARAU, a partir das 10,30 horas, mediante apresentação do recibo do semestre em curso.*

*ESTUDANTES: As galerias e anfiteatros, que lhes são destinadas, deverão ser procuradas pelos representantes dos respectivos grêmios, NA VÉSPERA de cada sarau, NA SÉDE SOCIAL. As sobras serão distribuídas individualmente NO DIA DO SARAU, na bilheteria do teatro, das 17 horas em diante, mediante apresentação da carteira de estudante.*

São Paulo, 26 de Setembro

# SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

1962 — Quinquagésima temporada — 1962

comemorativa de seu 50.º aniversário

**SARÁU 838.º**

(décimo-segundo da temporada)

celebrando a

## **DATA DO QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO**

### Programa

- I — Alocução do Presidente da Sociedade, DR. DACIO AGUIAR DE MORAES JUNIOR*
- II — Homenagem a Dona ESTHER MESQUITA, pelo descerramento e inauguração de seu retrato a óleo (execução do pintor Angelo Simeone)*
- III — Recital da pianista brasileira MAGDA TAGLIAFERRO, com o seguinte programa:*



DEBUSSY ..... Suite «Pour le piano»

Prélude

Sarabande

Toccata

CHOPIN ..... Noturno, em Mi maior

CHOPIN ..... Scherzo n. 3

I n t e r v a l o

CHOPIN ..... Sonata em si-bemol menor, op. 35

Allegro

Scherzo

Marcha Fúnebre

Final — Presto

DEBUSSY ..... Três Prelúdios:

1. Les Collines d'Anacapri

2. Bruyères

3. Feux d'artifice

DEBUSSY ..... Clair de lune

DEBUSSY ..... L'isle joyeuse



**MAGDA TAGLIAFERRO**

Nasceu em Petrópolis. Seu pai, Paulo Tagliaferro, foi seu primeiro mestre e quem lhe desenvolveu os maravilhosos dons musicais. Tendo começado seus estudos aos cinco anos de idade, já aos nove realizava seu primeiro recital em público, na cidade de São Paulo, onde residia, causando sensação. De tal modo se aprimoraram os pendores pianísticos dessa criança excepcional, que, aos treze anos, conquistava ela o Primeiro Prêmio de Piano no Conservatório de Música de Paris, onde seu curso datava apenas de um ano. Foi nessa ocasião que se revelaram, nela, uma seriedade e uma noção dos sentimentos humanos tão acentuadas, que se consideravam verdadeiramente extraordinárias numa adolescente. Estudando sem tréguas, a jovem pianista dominou a técnica, venceu a matéria e iniciou, então, a ascensão ininterrupta que assinala toda a sua carreira, colocando-a rapidamente no primeiro plano dos artistas mundialmente consagrados e aclamados.

Seu repertório abrange a música clássica, romântica, moderna e contemporânea, num caudaloso e realmente prestigioso, sendo característica de sua atrativa personalidade a facilidade de interpretar, com a mesma facilidade, compositores de escolas tão distintas e obras de estilo e concepção tão diferentes.

Além de incalculável número de recitais e concertos, através de quatro continentes e 43 países, MAGDA TAGLIAFERRO tem atuado como solista das mais afamadas orquestras mundiais, sob a batuta dos mais famosos regentes.

Em 1937, sem prejuízo de sua intensa atividade de virtuose, MAGDA TAGLIAFERRO foi nomeada Professora Catedrática no Conservatório de Música de Paris, tendo a seu cargo a classe de Aperfeiçoamento e Virtuosidade.

Em 1940, depois de prolongado afastamento do Brasil, motivado pelas exigências de sua vida de intérprete, MAGDA TAGLIAFERRO retornou brilhantemente à terra natal. Desde então resolveu fundamente a nossa vida musical, introduzindo o novo elemento de sua arte, de sua ciência virtuosística, de suas invulgares faculdades de educadora nos diversos aspectos de nossa evolução cultural. Está já bem patenteado o benéfico impulso que o nosso desenvolvimento musical e cultural recebeu dos seus concertos e recitais, realizados em todas as grandes cidades do Brasil e do interior dos Estados; das suas Rádio-conferências, que inauguraram um gênero de divulgação da arte pianística desconhecido até então e hoje adotado na maioria das manifestações musicais e programas radiofônicos; e dos seus admiráveis «Cursos Públicos de Alta Interpretação Musical», no Rio de Janeiro, em São Paulo, na Bahia, em Porto Alegre e outros Estados, agora televisionados e postos ao alcance de todos. Muitos jovens talentos e valores foram assim revelados. Pode-se afirmar que MAGDA TAGLIAFERRO orientou seguramente uma geração de pianistas que está se distinguindo dentro e além das fronteiras do Brasil.

Em reconhecimento de tão valiosas realizações e de tão fecunda obra de aproximação cultural entre nosso País e outros povos, foi MAGDA TAGLIAFERRO condecorada pelo Governo Brasileiro com a prestigiosa «Ordem do Mérito», no grau de oficial. Por seu turno, o Governo Francês, que já a havia distinguido com a «Legião de Honra», no grau de oficial, elevou-a a ilustre virtuose, em 1952, à dignidade de «Comendador» (Commandeur de La Légion d'Honneur), uma das mais altas distinções jamais conferidas a uma mulher, naquele país. Em 1961, ainda pelo Governo Francês, foi MAGDA TAGLIAFERRO distinguida com a comenda de «Oficial das Artes e Letras».

Além dos que efetua no Brasil, MAGDA TAGLIAFERRO realiza anualmente três Cursos Públicos de Alta Interpretação Pianística: o primeiro em Paris, no Auditório da Escola Normal; o segundo em Nice, na Academia Internacional de Música; e o terceiro em Salzburgo, na época do Festival na Sala do «Mozarteum» da Academia Internacional de Verão.

No decorrer de sua recente temporada na Europa, MAGDA TAGLIAFERRO desenvolveu intensa atividade na França, Itália, Holanda, Grécia e União Soviética. Além de vários concertos realizados em Moscou, Leningrado, Riga, Minsk e Vilnius, representou o Brasil no Grande Juri do Concurso Internacional Tchaikovsky, realizado este ano na Capital soviética.

## DEBUSSY "Suite, pour le piano"

A' alta espiritualidade de Alfred Cortot se deve uma das melhores compreensões da estética de Debussy. São do mestre francês as seguintes apreciações:

"Debussy tinha um dom tão perfeito de fixar sonoramente as impressões visuais quer diretas, quer sugeridas pela imaginação, artes plásticas ou literatura, que a sua obra pôde se expandir totalmente em um domínio de sensações até então quase vedado à música. E' raro encontrar, na base da sua inspiração, um desses sentimentos, paixões, dôres, entusiasmos humanos, que, após a revelação beethoveniana, como-veram a alma dos compositores, animando-lhes as obras. Ele não repudia nem menospreza a emoção musical; mas, por uma sorte de reserva aristocrática, prefere sugerí-la a nô-la fazer sentir diretamente. E, em vez de agir sentimentalmente sôbre nosso organismo, pela patética solicitação da emoção pessoal; em vez de criar, bela de linhas e formas, a arquitetura sonora, cuja disciplina nos possa contentar o espírito, é, quase sem que o saibamos, pela voluptuosidade secreta de dois acordes encadeados, pelo nervosismo vibrante de um ritmo ou pelo mistério de uma pausa, que êle nos atira, em plena sensibilidade, esta flecha cujo doce e insinuante veneno nos fará sentir, tão intensa como a realidade, a sensação que êle premeditara".

A propósito da suite "Pour le piano" (Prelúdio, Sarabanda e Toccata), composta em 1901, assim se exprime Alfred Cortot:

"Um intervalo de uma dezena de anos separa a produção das obras da mocidade das composições para piano que afirmarão o dom evocador de Debussy. Dez anos cheios de terna e dolorosa meditação de "Pelléas", do extasiado ardor do "Quatuor", do langor sensual do "Prélude à l'après midi d'un faune", das sonoridades novas dos "Nocturnes", onde o reflexo do céu e do mar e o esplendor luxuosamente esmaecido dos prazeres, parecem, por um milagre de orquestração, ter origem na própria música que os traduz; dez anos durante os quais Debussy trabalhará diàriamente seus meios de expressão, pela pesquisa paciente de uma arte sôbre a qual não venha a pesar a fatigada eloquência do romantismo, e confrontará sua própria sensibilidade com as formas literárias mais puras de Baudelaire, de Verlaine e de Mallarmé, ou com êsses sentimentos que, em Maeterlinck, parecem vogar entre duas águas e cujo adormecido mistério a sua

música desvendará. Voltando à música de piano, após êsse longo afastamento, êle escreve, em 1901, as três peças de uma suite "Pour le piano", na qual se revelam, de maneira significativa, as modificações trazidas à sua técnica, desde as obras da primeira maneira, suite essa que pode ser considerada como uma espécie de transição entre essas obras e as futuras, cujo segredo já traz consigo. Não há título sugestivo. Os trechos intitulam-se "Prélude, Sarabande, Toccata" e, aparentemente, inspiram-se apenas no prazer rápido e claro de um jogo de sons, ou, na Sarabanda, na gravidade nobre e tranquila de uma cadência antiga. Mas escrita, apresenta um técnica precisa, uma diversidade de meios, um sabor harmônico tão propício à expressão de sensações, que nos parece já vê-las aflorar à superfície de uma música que apenas as recobre".

## "POEMA DA MORTE" (Sonata, op. 35) CHOPIN

A SONATA EM SI-BEMOL MENOR, OP. 35, cognominada "Poema da Morte", é uma dessas obras que passaram definitivamente para o patrimônio artístico da humanidade. A intensidade da emoção, o grande poder sugestivo e, sobretudo, a universalidade dos sentimentos que encerra, colocam-na na mesma altura de certas grandes páginas de Bach, Beethoven e Cezar Franck. Destaca-se ela na obra de Chopin com um valor todo especial, de excepção na sua estética eminentemente individual, porque o gênio sabe encontrar o seu caminho e manifesta-se com a grandiosidade necessária, quando em contacto com o eterno fundo humano que todo grande artista traz em si. Um dos autorizados biógrafos de Chopin — Elie Poirée — assim aprecia a obra:

"A Sonata em si-bemol menor data, muito provavelmente, da crise terrível de 1838, na qual a moléstia apareceu repentinamente, esmagando o artista durante longos meses — antes, durante e depois da viagem às Baleares. Não é o poema do Sofrimento, mas o da Morte, cujo estremecimento êle sentiu, então, no seu corpo martirizado. E a essa Morte, idéia cada vez mais obcecante, Chopin consagrou quatro cantos — os quatro tempos da Sonata.

O poema, uma verdadeira epopéia, inicia-se numa atmosfera de terror. O "Allegro" apresenta inicialmente um motivo de ritmo arquejante, entrecortado e breve, como um gesto de repulsa brusca e aterrorizada, seguido de um pensamento calmo, grande e nobre no



começo, para elevar-se, depois, em soberbo impulso de lirismo. O desenvolvimento desses dois elementos, um pouco restrito, principalmente no fim, é de uma beleza rara. A escrita é de notável audácia harmônica.

O "Scherzo" forma o segundo canto do poema e no início, ainda, é um efeito análogo de perseguição e de fuga desvairada. A Morte gira numa sala de baile, cujos écos, umas vezes vivos e animados e outras vagarosos, nos chegam envolvidos em graça langorosa. E, enquanto a melodia canta, doce e penetrante, vozes graves murmuram sobre acordes alternados, numa perturbadora psalmodia. A melodia cessa por um instante e, com ela, as vozes; mas, desde que recomeça, as vozes misteriosas recomeçam também...

A Morte triunfa, afinal. Gloriosa, magnífica, recebe a homenagem da multidão reverente e temerosa do fio cortante de sua foice. Esse triunfo da Morte — terceira parte do drama — é a admirável "Marcha Fúnebre", mundialmente conhecida. Os dois acordes alternados, elemento principal do acompanhamento, são um achado de harmonia absolutamente genial. Soam os dobres fúnebres e o cortejo se põe em movimento. O movito da marcha é sorberbo, de um ritmo seguro, com uma linha que vai sempre para a frente; sem rodéios, sem hesitação, exprimindo o implacável destino humano. A multidão diminúe a marcha. Então, por entre as ondas de incenso que sobem das notas graves, um canto se eleva. Não é uma préce ou um hino religioso; é um queixume suave, um resignado apêlo, uma aspiração de esperanças... A melodia — melodia "à Chopin" — tem grande emoção e lirismo, mas não vale a da marcha. Este trecho foi composto antes dos demais da Sonata. Se a correspondência não o revelasse, tê-lo-íamos adivinhado pela escrita muito mais calma do que o que precede e, sobretudo, do que virá a seguir. A opinião de Schumann, preferindo aí um belo "largo", é pouco compreensível, pois a marcha foi a idéia inicial, a ocasião da sonata, da qual é o centro, e, a nosso vêr, a única razão de ser.

O quarto canto, o "Final", foi, por muito tempo, considerado uma monstruosidade, uma insensatez. Entretanto, essa imensa passagem, semelhante, porém mais selvagem, a outra dos Estudos; esse largo gesto que, por alguns minutos, vai varrer o teclado com suas oitavas furiosas, em uníssonos e sem forma apreciável, é talvez a página mais ousada que se tenha escrito em música. A Morte mostra-se aí com o realismo atroz de sua força brutal, que

tudo destrói e tudo arruina. É a maldita, de quem ninguém escapa. O último esforço de Manfredo expirante fazia subir aos seus lábios a espuma sanguinolenta de um insulto, de uma blasfêmia. Esta última página da obra de Chopin causa vertigem, abre o abismo onde o ser, ainda cheio de força e de vida, vai desaparecer e aniquilar-se para sempre. A Morte, como tema lírico, inspirou todos os grandes poetas, mas nenhum, talvez, a exprimiu em termos tão impressionantes".

A apreciação de Elie Poirée representa bem a idéia geral e a compreensão corrente sobre a *Sonata em si-bemol menor*. Sob o aspecto técnico, porém, foi êle um tanto severo. Blanche Selva, a autorizada tratadista da forma "Sonata", diz apenas o seguinte:

"Na *Sonata em si-bemol menor*, o primeiro trecho contém idéias de um belo caráter, mas a realização é rudimentar, principalmente quanto ao primeiro tema, tão arrebatadamente inquieto; e o desenvolvimento, uma confusão inextricável".

Schumann também, citado por Henri Bidou no seu livro sobre Chopin, assinalára os defeitos de composição:

"Consideraram sonata o que deveria ser caprichos ou, melhor, orgulho; pois êle reuniu justamente quatro dos seus trechos mais loucos, para introduzi-los sub-repticiamente, sob aquele nome, num lugar onde, de outra forma, jamais teriam penetrado".

Das três sonatas para piano que Chopin escreveu, a em *si-bemol menor* é a segunda em data: foi composta em Nohant, em casa de George Sand, em 1839, e editada antes das outras, em 1840. Pelo plano e pelo estilo, esta sonata difere tão profundamente não só das produções anteriores de Chopin, como também da forma "sonata clássica", que provocou, quando apareceu, as mais vivas controvérsias. A intensidade da emoção e a sua extraordinária força dramática deram azo aos mais apaixonados comentários. E aqueles mesmos que não hesitavam em colocar a obra ao lado das mais geniais do autor, como Schumann e Mendelssohn, não concordavam quanto à sua significação profunda.

— — —  
"LES COLLINES D'ANACAPRI" —  
DEBUSSY

Luz em movimento — visão cheia do sôl das colinas de Nápoles. Ritmo apressado de tarantela entrelaçado à bonomia de um refrão popular. A nostalgia banal e deliciosa de uma cantilena amorosa funde-se intensamente nas vibrações do céu azul, provocadas pela animação incançável e penetrante de agudíssima flauta...

*Colaboração e homenagem*  
*da*  
*Ribeiro Publicidade e Editora Ltda.*  
*no transcurso do*  
*50.º aniversário da*  
*Sociedade de Cultura Artística*